

# Esquizofrenia simples e esquizofrenia paranóide através do Rorschach: estudo comparativo (\*)

ARIANE DREYFUS  
INGRID GAY-CROSIER  
ODILE HUSAIN (\*\*)

## INTRODUÇÃO

Antes de entrarmos no âmago do assunto consagrado à esquizofrenia, fazemos questão de precisar que o nosso método de análise do Rorschach foi elaborado a partir do modelo psicanalítico<sup>(1)</sup>. Esta forma de abordagem requer que tomemos o discurso do sujeito no seu conjunto e não as respostas isoladas do seu contexto, como decorre do reducionismo ligado a qualquer sistema de cotação.

Mais especificadamente, as nossas referências teóricas são instituídas pelos trabalhos de Bergeret e de Kernberg. Com efeito, estes dois autores, a par do modelo estrutural que desenvolvem, propõem-nos uma das mais enriquecedoras concepções da psicopatologia, à qual nos referimos para a inter-

pretação do Rorschach. Na sua óptica, existem três grandes estruturas de base: neurose — estado-limite<sup>(2)</sup> — psicose, definindo-se cada uma delas por um modo de relação de objecto, por um tipo de angústia específica e por mecanismos de defesa particulares. Por estrutura é preciso que entendamos: «aquilo que, num estado psíquico mórbido ou não, se encontra constituído por elementos metapsicológicos profundos e fundamentais da personalidade fixados num conjunto estável e definitivo» (Bergeret, 1974).

No quadro da estrutura psicótica, a literatura consagrada à psicopatologia descreve formas diversas de psicose, que vão da estrutura psicótica compensada, qualificada por Bergeret de carácter psicótico, a formas francamente delirantes. Qualquer que seja o quadro apresentado, as diferentes organizações da psicose têm todas em comum:

- uma relação de objecto simbiótico
- uma angústia de fragmentação
- defesas específicas, das quais a principal é constituída pela negação da realidade.

(\*) Comunicação apresentada no Simpósio da Sociedade Francesa de Rorschach e Métodos Projectivos, Montpellier, Novembro de 1983.

(\*\*) Diplomados em Psicologia pela Universidade de Genève. Psicólogos da Policlínica Psiquiátrica Universitária de Lausanne.

(1) A originalidade e a vantagem deste procedimento foram explicitadas por C. Merceron, L. Ponce e F. Rossel no seu artigo «L'aménagement particulier des états-limites: les troubles du comportement à caractère délictueux» (Merceron, Ponce et Rossel, 1983).

(2) Lembremos que, para Bergeret, o estado-limite não constitui uma verdadeira estrutura, mas uma «situação ordenada e não estruturalmente fixada», contrariamente a Kernberg.

Confrontados, na nossa prática quotidiana, com um grande número de protocolos de psicóticos, o nosso interesse incidiu sobre a análise das suas particularidades e, mais especificamente, sobre as que se referiam às formas esquizofrénicas simples e paranóides. O nosso estudo fixou-se na análise de 26 casos. Ainda que a diferença entre estas duas entidades seja actualmente muito controversa, retenhamos os critérios que classicamente permitiram distingui-los, isto é, que os esquizofrénicos simples não apresentam senão esboços de ideias delirantes não organizadas, enquanto que os esquizofrénicos paranóides edificam verdadeiros sistemas delirantes que, muitas vezes, se esbatem com o decorrer dos anos.

### *Método de trabalho*

A partir de protocolos de esquizofrénicos estudados pusemos em evidência um certo número de diferenças que, em seguida, tentámos classificar. Precisemos que nenhuma resposta nos envia para uma interpretação única, devido à natureza polissémica de todo o discurso, de onde resulta a possibilidade de analisar um mesmo exemplo de pontos de vista diferentes. Por conseguinte, nenhuma resposta fora do seu contexto é suficiente para concluir um diagnóstico determinado.

As rubricas que retivemos cobrem os principais temas descritos numa grande parte da literatura consagrada à psicose. A ordem pela qual as apresentaremos não é a única possível, tanto mais que não se pode tratar de uma classificação rígida já que estas categorias se vão recobrir de várias formas.

## I — RELAÇÃO DE OBJECTO

A relação de objecto própria da psicose é habitualmente descrita como sendo de natureza simbiótica, isto é, caracteriza-se

por uma indiferenciação entre o sujeito e o objecto.

Através dos protocolos estudados, a simbiose aparece como não tendo um modo único de expressão. Aliás, observamos um contínuo movimento de oscilação entre as tentativas de preservar a simbiose e de sair dela, o que nos permite dizer que a simbiose não é um estado homeostático.

### 1) *Expressão da simbiose*

As dificuldades encontradas por todos os sujeitos para diferenciar o «ser um» do «ser dois» correspondem, na nossa opinião, ao modo de expressão privilegiado da relação simbiótica.

Isto traduz-se logo ao nível da linguagem por erros gramaticais relativos à utilização do singular e do plural:

III<sup>(3)</sup>: «*Dois* mulheres que *segura* um colo do fémur» (SS)<sup>(4)</sup>: o verbo é aqui posto no singular, ainda que o sujeito do verbo esteja no plural.

Depois, no plano da percepção, os esquizofrénicos gerem dificilmente a simetria dos cartões. Com efeito, certos sujeitos não tomam em consideração senão um lado do cartão e falam «de um animal» (VIII), de um «carangueja» (X), ainda que a maior parte das pessoas se refiram simultaneamente aos dois lados. Por vezes, fornecem respostas de «reflexo» e de «sombra» sem que aí haja o elemento primeiro, o objecto da origem destes fenómenos. Assim, não dar como conteúdo senão um «reflexo» (VIII - SS) sem qualquer alusão àquilo que é reflectido, não falar senão «da sombra de uma pessoa bastante idosa» (IX - SS) sem

---

(<sup>3</sup>) O número romano que precede cada exemplo remete para o número do cartão.

(<sup>4</sup>) SS = esquizofrenia simples; SP = esquizofrenia paranóide.

que esta sombra seja acompanhada do seu proprietário, assenta numa realidade impossível. A atribuição imaterial («sombra») sinaliza a confusão entre representante e representado, entre objecto e imagem especular. Assim, na formulação seguinte:

II: «uma cabeça e outra do outro lado que se reflecte(m)» (SP): é impossível distinguir o objecto do reflexo em si mesmo.

Lacan sublinhou a importância da função organizadora da fase do espelho no desenvolvimento do Eu de todo o indivíduo. É inspirando-se nesta ideia que Winnicott, no seu artigo sobre «Le rôle de miroir de la mère et de la famille dans le développement de l'enfant» (Winnicott, 1971), qualifica o rosto da mãe «precursor do espelho», desempenhando este último um papel preponderante na concretização do processo de separação do Eu e do Não-Eu.

Esta não-integração do estadio do espelho no esquizofrénico implica uma incapacidade fundamental na constituição de uma identidade, o que se traduz, no Rorschach, por percepções de objectos, animais ou pessoas «sobrepostos» um ao outro e por isso não diferenciados.

### *Esquizofrenia simples*

Certas respostas de esquizofrénicos simples sinalizam uma *indiferenciação total* entre «ser um» e «ser dois»: assim, para o detalhe central do cartão I, por exemplo, o sujeito tanto vê um personagem, como dois, tratando estas duas percepções como se fossem equivalentes.

I: «num corpo de mulher ou duas silhuetas que dançam... duas pessoas que dançam, pode muito bem ver-se um só, considerando o todo».

Outras vezes, as diferentes partes da mancha estão ligadas entre si por um fenómeno de *magnetismo*, como se não pudessem existir independentemente umas das outras:

III: «um íman... estas forças que se atraem».

VII: «... siameses, bem porque elas estão *agarradas em conjunto*; duas formas humanas agarradas em conjunto».

A resposta «siameses» não é própria do registo psicótico, pois que surge igualmente nos estados-limites, onde reflecte a problemática da dependência no seio de uma relação de objecto anaclítica. Contudo, esta resposta aparece como significativa da psicose desde que tomemos igualmente em consideração os comentários que a acompanham. Nos dois exemplos acima mencionados, a tónica não é posta na identidade dos objectos, permanecendo esta das mais fluidas («forças» — «formas humanas»...). De maneira geral, os limites respectivos das coisas são muitas vezes indefinidos, daí a abundância de conteúdos sem forma precisa, que resultam a maioria das vezes de uma temática arcaica (respostas de «água», de «terra»). Esta exprime-se igualmente através de temas com conotação *oral passiva*, que não são exclusivos dos esquizofrénicos simples. Encontramo-los, nomeadamente, nas personalidades infantis, onde são ao mesmo tempo mais elaboradas e mais conformes com a realidade:

VIII: «lago no interior, lago de várias coisas, lago de água, *lago de leite*».

Esta resposta ilustra o contexto absurdo em que a oralidade está inserida. Tanto é aberrante «um lago de leite», como é impensável «um lago de várias coisas», o que mostra a que ponto o universo do esquizofrénico simples se parece com um magma

de elementos totalmente indistintos, caóticos e interpenetráveis.

### *Esquizofrenia paranóide*

A relação simbiótica do esquizofrénico paranóide traduz-se igualmente ao nível da indiferenciação entre «ser um» e «ser dois». Todavia, esta problemática exprime-se de maneira diferente. Com efeito, face aos dois elementos em presença, o sujeito estabelece uma relação de *inclusão* entre estes dois termos, na medida em que um desempenha um papel de continente no qual o outro se vai encontrar engolido:

V: «é discutido porque é de cada um todo e há várias coisas nesse todo, ao mesmo tempo é um, ao mesmo é dois».

III: «há duas pessoas... e depois há uma mulher que dança no seu ventre. Está cheio de homenzinhos no seu interior».

Mais do que um magnetismo, trata-se de uma deglutição ameaçadora, pois toda a evocação de uma «aproximação», mesmo sob a forma de um olhar, suscita de imediato temores de destruição:

VI: «dois rapazes que se *olham*, que estão colados um ao outro; diríamos um *poço*».

Como se vê aqui, o simples facto de entrar em contacto, por meio do olhar, torna-se sinónimo de uma «fusão» dos limites («colados um ao outro») e induz desde logo um tema de continente engolidor («poço»).

I: «um insecto em “pinças” que procura arrancar e envolver com as asas, puxar para este interior para ser *digerido*».

### 2) *Paradoxo da simbiose*

Aquilo que nós chamamos paradoxo da simbiose consiste num inexorável movimento de vai-vem entre dois pólos incompatíveis, isto é, viver em simbiose e sair da simbiose, ou, como disse Racamier, entre «a inspiração dissolvente pelo objecto e a autonomia psíquica» (Racamier, 1976). Na sua obra *L'effort pour rendre l'autre fou*, Searles descreve ainda mais explicitamente esta relação simbiótica em que «cada um se encontra oscilando desesperadamente entre duas posições completamente opostas: a primeira é uma posição de “proximidade” intensa de duas pessoas, a segunda o divórcio psicológico total entre os dois... é necessário, para que a relação simbiótica seja mantida, que nenhum dos dois “parceiros” se vivencie como uma pessoa total: cada um tem, com efeito, necessidade da personalidade do outro para completar a sua e para ter acesso a qualquer coisa que se assemelhe a um sentimento de totalidade» (Searles, 1977). Este duplo movimento está simultaneamente presente na esquizofrenia simples e na esquizofrenia paranóide:

VII: «tenho a impressão que estas duas pessoas gostariam de *se beijar*, eu digo bem gostariam porque elas estão ainda demasiado afastadas» (SS).

I: «dois monstros que se *agridem* e *fogem* ao mesmo tempo» (SP).

Através destes dois exemplos vemos muito claramente como, para o esquizofrénico, podem coexistir duas tendências totalmente contraditórias, a aproximação («beijar-se», «agridem-se») e o afastamento («afastados», «fogem»). A contradição é, porém, mais flagrante no segundo exemplo, pois que agredir e fugir «ao mesmo tempo» resulta numa simultaneidade impossível.

Todavia notamos que este duplo movimento se exprime diferentemente consoante

se trate de esquizofrenia simples ou de esquizofrenia paranóide.

### *Esquizofrenia simples*

O pólo «ficar na simbiose» é privilegiado na esquizofrenia simples e, paralelamente, os esforços de luta contra a simbiose não aparecem senão esporadicamente. Entendemos como luta toda a tentativa de desligar as coisas e de as manter separadas:

- II: «cinzento e vermelho *separados*».
- IX: «cócix com uma saída lá em cima, uma saída com uma abertura onde poderíamos partir... no interior qualquer coisa que *não está de acordo e que quer partir*».

### *Esquizofrenia paranóide*

Recordemos que a esquizofrenia paranóide associa preferentemente a simbiose (toda a forma de aproximação: física, olhar...) a uma ideia de ameaça, de deglutição, de devoração, de destruição:

- I: «um insecto com pinças que procura *agarrar e envolver* com as asas, a puxar para este interior para ser digerido, sobretudo possessivo devido ao facto de ter o invólucro, as pinças para digerir».

Daí, decorrem tentativas de luta massiva contra a simbiose, o que testemunha a predominância do pólo «sair da simbiose»:

- V: «duas partes que estão em vias de *se separar*».
- II: «uma borboleta que *sairia* de uma lagarta de maneira não conforme, por explosão, a lagarta rebentada a vermelho e a borboleta a preto que começaria a voar».
- IX: «uma passagem ou passar uma prova muito difícil onde se seria

queimado, onde se seria consumido ao passar essa passagem... como num nascimento. Parece-me que eu ardo... ser reduzido a cinzas».

A relação simbólica constitui um impasse, uma vez que «sair da simbiose» aparece como tão perigoso e mortífero como «permanecer na simbiose». Com efeito, o tema de «nascimento», subjacente a estes dois últimos exemplos, arrasta tanto a destruição do sujeito englobado como a do objecto englobante; como descreve Racamier, o sujeito «sente-se ligado por uma relação obrigatória de pertença quase orgânica ao objecto maternal englobante. Ele só seria capaz de sair daí destruindo a mãe» ou «proibindo-se» de ser psicicamente autónomo, pois o objecto mantém «relações de inclusão recíproca e de devoração mútua» (Racamier, 1976).

## II — DISTÚRBIOS DOS LIMITES

Sendo a simbiose forçosamente alienante, uma vez que sujeito e objecto se alimentam um do outro para sobreviverem, implica, para o psicótico, uma falha na aquisição de uma existência separada e daí resulta uma confusão constante entre sujeito-objecto, interior-exterior, fantasma-realidade. A característica principal que concerne os limites do psicótico é a sua «elasticidade».

Precisemos que este termo não é sinónimo de uma flexibilidade adaptativa, mas remete para limites sempre móveis e, portanto, inconsistentes.

### 1) *Confusão sujeito-objecto*

Já evocadas na rubrica I.1), «Expressão da simbiose», as perturbações da diferenciação entre «ser um» e «ser dois» traduzem-se por uma elasticidade dos limites entre o

sujeito e o objecto, podendo um e outro ser continente e conteúdo: «o objecto está ao mesmo tempo dentro do esquizofrénico mas o esquizofrénico está também no interior do objecto... Este objecto elástico propaga-se para o exterior um pouco como a amíbia, a fim de englobar o objecto que o engloba». (Racamier, 1976). Na situação de exame psicológico, tanto no esquizofrénico simples como no esquizofrénico paranóide, observamos uma ausência de distância face ao examinador que não pode ser considerado como diferente do sujeito:

IV: «um monstro que viria em direcção a nós» (SS).

III: «um enorme insecto que se precipita sobre nós» (SP).

Nestes dois exemplos, a ameaça que o sujeito percebe, tanto paira sobre ele como sobre o examinador, sendo a respectiva existência confundida.

## 2) Confusão interior-exterior

Em virtude destes englobamentos recíprocos entre sujeito e objecto, os esquizofrénicos não chegam a constituir os seus limites e, por maioria de razão, são incapazes de distinguir o interior e o exterior como dois espaços distintos que, desde logo, vão verter-se perpetuamente um no outro.

### *Esquizofrenia simples*

A não-constituição do interior e do exterior observa-se nos esquizofrénicos simples, por um lado, através da impossibilidade de pôr em forma as suas percepções que permanecem fluídas, imprecisas, sem contorno delimitado — «água» — «terra» — «fogo» — «qualquer coisa isolada» — «bonito»... — por outro lado, através da instauração de pseudo-limites, espécie de membranas ex-

ternas de objectos vazios, como nas respostas seguintes:

II: «contorno»: ora um «contorno» não pode existir em função de um objecto particular que aqui não é mencionado.

II: «uma forma de avião»: onde a forma está destacada do seu conteúdo e em vez de ser determinada pelo objecto, como na formulação corrente «a forma de um avião», ela pré-existe ao objecto.

Aliás, quando se trata do exterior, o sujeito não sente a necessidade de a definir em relação ao interior e vice-versa:

X: «meteorito, ferrugem, eu não sei, qualquer coisa isolada, pedra *de fora*», mas não se sabe fora de quê.

Além disso, quando ele evoca continentes, trata-se de objectos como «cócis» que não podem ter essa função:

IX: «eu vejo o coccis com um conjunto de factos, com qualquer coisa *no interior* que não está de acordo e que quer partir».

### *Esquizofrenia paranóide*

Os exemplos destacados testemunham mais particularmente uma *confusão* que incide geralmente sobre o interior e o exterior do corpo:

VII: «o crâneo aqui, um princípio de orelha... os olhos e a boca *estariam de fora*».

Duas observações se impõem, pois a confusão aqui é dupla: com efeito, existe ao mesmo tempo um deslizamento do esqueleto («crâneo») para as partes carnudas («ore-

lhas») e uma localização errada dos «olhos» e da «boca» situados, aqui, fora do crâneo.

### 3) *Confusão fantasma-realidade*

Principalmente ilustrada por uma ausência de distância em relação ao material, ela reenvia, de maneira global, para perturbações da consciência interpretativa, isto é, o sujeito formula as suas interpretações como se elas se pudessem materializar: ele apreende os cartões inanimados como se estivessem vivos, e daí as numerosas impressões cinéticas e ilusões sensoriais.

#### *Esquizofrenia simples*

III: «o vermelho e o preto que *aparece*»: acreditando que o cartão se pode metamorfosear de um minuto para o outro e que as cores não são constantes».

X: «*formigamento* de animais».

#### *Esquizofrenia paranóide*

As impressões cinéticas estão igualmente presentes nos protocolos da esquizofrenia paranóide:

VIII: «um animal *que progride* através de diferentes estados... tem uma boa base sobre o azul... deixou o rosa, tacteu o cinzento».

Todavia, o que os caracteriza, antes de mais, é a abundância das ilusões sensoriais (tácteis, auditivas, visuais...):

III: «uma expressão muito *eléctrica* que se depreende».

VIII: «todos os elementos ligam pelo meio que é muito *quente*».

III: «há como que um *grito* aqui no meio».

É interessante notar que, em toda esta desordem de impressões e de sensações, o esquizofrénico paranóide se esforça por pôr um pouco de ordem introduzindo justificações e balizamentos espacio-temporais, que, apesar de absurdos e arbitrários, sinalizam a não integração destas duas dimensões:

I: «uma rã por causa dos olhos em *relevo*»: por um lado, isto não é uma justificação adequada e, por outro lado, o sujeito introduz um espaço a três dimensões.

VII: «anões que se olham, dos quais um porém tem a cabeça voltada para trás a 180 graus»: ora esta posição torna toda a troca de olhares impossível.

De maneira geral, sobressai que o esquizofrénico, simples ou paranóide, não está inserido numa dimensão espacio-temporal clara; ora a elaboração destas referências necessita da aquisição de toda uma série de invariantes que ele não constituiu.

## III — O EU ESQUIZOFRÉNICO

### 1) *As invariantes*

Julgamos, aqui, oportuno insistir sobre a noção de invariante, tal como Piaget a definiu, na medida em que ela nos parece poder dar conta da mobilidade das identidades encontradas no esquizofrénico. Elaborando esta noção, este autor insistiu muito sobre o estado de permanência do objecto, no qual a criança vai procurar um objecto que acabou de ser escondido sob um almofada, por exemplo, contrariamente ao estado precedente, em que o objecto desaparecido do seu campo visual era considerado como evaporado. A permanência do objecto constitui a primeira invariante, indispensável à elaboração do espaço, do tempo e da causalidade.

dade, e a aquisição destas invariantes implica que desde logo o objecto possa ser submetido a múltiplas operações (rotações, translacções, etc.) sem por isso perder a sua intensidade. Ora, nos esquizofrénicos, notámos que todas estas operações efectuadas sobre o real tendem a modificá-lo na sua identidade:

III: «mas *olhando de mais perto* eu vejo talvez personagens» (SS): é como se, aproximando o cartão, as suas características se modificassem.

VII: «há caras... [o sujeito inverte a posição do cartão] são *as mesmas caras invertidas*» [expressão de grande espanto] (SP): a admiração do sujeito perante o facto de ter encontrado a mesma percepção, mas invertida, mostra que não antecipou o efeito da rotação, e que, portanto, a identidade do objecto não se conserva no decurso das diferentes modificações de posição.

Se a apreensão particular do objecto que o esquizofrénico tem, pode ser compreendida em termos de invariante, esta explicação limita-se a uma abordagem epistémica do sujeito. A um nível individual, esta capacidade de elaborar as invariantes assenta na impossibilidade de edificar a distinção eu/não-eu e, por consequência, de instaurar um espaço transitivo no qual teria lugar, por exemplo, o jogo de bobine relatado por Freud (1951). Tanto esta manifestação como aquela mais arcaica da angústia do 8.º mês descrita por Spitz (1968), pressupõem uma interiorização suficiente da mãe, uma vez que a criança pode exprimir um afecto em relação com a perda do objecto.

Ora sabe-se que as crianças psicóticas não manifestam este género de reacções (Mahler, 1977), tendo sido a sua indiferença compreendida como um sinal de indiferenciação entre o prazer e o desprazer, donde a impossibilidade de construir um espaço

de desejo, fundamental para o investimento objectal e, logo, para o sentimento de identidade.

## 2) *A fragmentação*

O Eu seriamente comprometido no seu desenvolvimento permanece incompleto; como explica Bergeret, «de repente ele encontra-se fragmentado, quer essa fragmentação seja aparente, quer os fragmentos permaneçam (se não há descompensação) colados entre si» (Bergeret, 1974).

A dificuldade para perceber objectos totais que observámos em todos os nossos protocolos corresponde ao modo de expressão privilegiado de angústia de fragmentação. Esta traduz-se principalmente pela percepção de partes ou de fragmentos de animais e de pessoas, e por importantes perturbações na representação do corpo.

### *Esquizofrenia simples*

Nestes protocolos, constatámos que a fragmentação está presente como um *estado*, isto é, que estes sujeitos percebem as partes corporais espalhadas não ligadas a um todo:

III: «um pouco da coluna».

III: «fragmentos de personagens».

Estas percepções fragmentárias implicam necessariamente gravíssimas perturbações da representação do corpo, não sendo este apreendido como uma entidade.

### *Esquizofrenia paranóide*

Se encontramos algumas percepções de partes corporais isoladas, estas são raras e não constituem o modo de expressão predominante da fragmentação. Com efeito, esta traduz-se de variadas maneiras, todas mais elaboradas do que o que foi observado nos esquizofrénicos simples.

Antes de mais, esses fragmentos são, a maior parte das vezes, dotados de movimentos, por vezes mesmo de intenções:

VII: «*um braço que parte assim numa posição harmoniosa*».

I: «*vejo mãos ao alto que tentam agarrar-se ao nada*».

Aliás, podemos verificar que existem tentativas de reunião desses fragmentos, o que assinala um esboço de constituição do objecto:

I: «*como um personagem com braços*».

II: «*uma cara com olhos*».

A referência à entidade («personagem») não pressupõe a integridade desta entidade, pois que as respostas deixam entender que o corpo é constituído por «pedaços» que podemos juntar («com braços», «com olhos»), e, portanto, igualmente retalhar. Além deste espanto diante daquilo que constitui um corpo, registamos ainda as confusões anatómicas e os agrupamentos impossíveis:

III: «*um tronco com olhos*».

III: «*duas pessoas, elas têm duas cabeças, uma em baixo e depois uma em cima*».

Todos estes exemplos testemunham importantes perturbações da integridade do corpo e indicam que o objecto está constantemente à mercê de uma fragmentação, apesar dos esforços que o sujeito faz para juntar os «pedaços».

Isto explica que a tónica seja igualmente posta sobre o *processo* de fragmentação, isto é, há uma referência a um objecto que será fragmentado, amputado, muitas vezes por meio de uma acção destrutiva:

I: «*uma cabeça partida como se a tivéssemos achatado*».

III: «*uma figura... esticada, que vai ser espalhada em diferentes direcções*».

### 3) *A procura de uma entidade*

Privilégio dos esquizofrénicos paranóides, esta busca de entidade incita-nos a formular a hipótese de que a esquizofrenia paranóide atingiu um nível mais evoluído nas etapas que conduzem à constituição do objecto. Os procedimentos empregues com vista a estas tentativas de unificação são similares em todos os esquizofrénicos, mas estão pouco presentes na esquizofrenia simples. Os meios utilizados podem agrupar-se em torno das duas categorias seguintes:

— Reunião de peças como se se tratasse de um *puzzle*:

I: «*duas pessoas que dançam, podemos ver uma só considerando o todo*» (SS).

V: «*a toupeira vista por baixo e juntar-lhe-íamos uma pata e depois a cauda e depois o focinho*» (SP).

— Busca de uma base, de um apoio por medo de desmoronamento:

IX: «*estas três cores estão ligadas por uma coluna*» (SS).

VIII: «*uma espécie de fresco com duas marmotas que o envolvem de um lado e do outro, que se seguram... um homenzinho pequenino no meio que suporta um enorme insecto que suporta um outro. Todos os elementos se seguram pelo meio*» (SP).

Estes exemplos revelam o absurdo das tentativas de luta, sendo estas necessariamente votadas ao fracasso de tal modo testemunham a incapacidade do esquizofrénico

para ultrapassar a fragmentação: com efeito, trata-se do colmatar de fissuras, permanecendo o objecto sempre fendido. Isto é particularmente bem ilustrado por alguns exemplos de dissociação que encontramos tanto nos esquizofrénicos simples como nos esquizofrénicos paranóides:

III: «pode muito bem haver aí amor de lado e raiva nas duas silhuetas» (SS): cada uma das silhuetas está cindida em duas partes que se opõem.

I: «aí vejo uma cabeça que não tem os olhos centrados, que olha para cima e para baixo ao mesmo tempo» (SP): a mesma pessoa faz, ao mesmo tempo, duas acções incompatíveis, o que é evidentemente impossível.

Com efeito, apesar da aparente referência a uma entidade, esta permanece cindida a duas. Esta não constituição da integridade corporal e psíquica entrava gravemente a elaboração do sentimento de identidade, sendo este dos mais inconsistentes.

#### 4) *As origens*

Segundo Racamier o sentimento de identidade teria a sua origem naquilo que ele chama «ideia do Eu» (Racamier, 1980): esta seria uma representação fundamental do humano em função da qual cada um de nós sabe ser constituído da «mesma massa». Ora, a este nível, encontramos nos esquizofrénicos múltiplas confusões quanto às características fundamentais e específicas da espécie humana; com efeito, esta não é diferenciada nem do mundo dos objectos inanimados, nem do mundo vivo não humano;

VIII: «vejo também a superfície azul que parece querer morder a extremidade traseira da superfície cinzenta» (SP): aqui o sujeito fala da mancha

como se ela fosse dotada de vontade e como se fosse susceptível de se pôr a agir («morder»).

VI: «um mocho... ele parece estender os braços para apanhar» (SP): falar de «braços» para um pássaro é, evidentemente, inapropriado.

Se os esquizofrénicos não podem integrar as características próprias da espécie humana, eles não podem nem pensar a história da espécie, nem aceder às representações colectivas que concernem às origens, donde o mistério que isso constitui para eles.

#### *Esquizofrenia simples*

Aquilo que caracteriza os esquizofrénicos simples é, essencialmente, o seu desconhecimento de toda a filiação, de toda a ligação, de toda a causalidade: ausência de filiação pela confusão de gerações, observadas essencialmente no T. A. T.; ausência de ligação através de um discurso muitas vezes entrecortado onde as palavras não estão ligadas umas às outras; ausência de causalidade, uma vez que os esquizofrénicos simples apresentam os efeitos sem causa como quando falam de «reflexo» sem mencionar o que é reflectido.

A procura das origens não é predominante neles: com efeito, são raros os temas relativos ao nascimento, e quando é feita uma alusão a uma forma qualquer de gestação, esta é totalmente aberrante:

VIII: «mamã, família... mamã de família, a forma geral, suas ramificações».

#### *Esquizofrenia paranóide*

Os esquizofrénicos paranóides, esses, estão, muito mais preocupados com todos os processos de procriação. As suas múltiplas tentativas de ligar as crises a uma origem temporal e material são outros tantos esfor-

ços para tentar abranger a identidade do objecto, donde a sua necessidade de fixar um ponto de partida na sua história e de constituírem, para si, uma genealogia que resulta, no entanto, aberrante:

II: «uma borboleta que sairia de uma lagarta... por explosão»: por um lado, esta resposta subentende uma não compreensão da metamorfose, por outro lado, nenhum animal vem ao mundo por «explosão».

VI: «um útero com uma libélula, no fim há a libélula que estende as suas asas, a vida que brota... eu levei vinte horas a dar à luz, isto fazia-me pensar um pouco nisso» (paciente homem): em nenhum caso uma libélula pode surgir de um útero; aliás ainda nenhum homem conseguiu dar à luz, ora a paciente exprime-se como se isso fosse possível, confundindo assim o seu nascimento e o parto da sua mãe.

A sua própria gestação está, pois, no centro das suas preocupações: com efeito, através dos fantasmas de autogestação, eles situam-se aquém da filiação e da diferenciação dos sexos.

Tanto no esquizofrénico simples como no esquizofrénico paranóide, a diferenciação sexual é totalmente desconhecida: por um lado, esta não tem sentido ao nível da procriação, por outro lado, os atributos sexuais do homem e da mulher não são os critérios pertinentes de um reconhecimento sexual:

III: «duas pessoas (inquérito) elas são neutras porque não há nem homem nem mulher» (SP): a resposta perde o seu aspecto banal no inquérito, o que é muitas vezes o caso.

III: «de preferência homens... mesmo se pudéssemos ver um peito feminino, mas a posição, o facto de

puxarem, de se agarrarem a qualquer coisa faz-me pensar antes em homens, e as cabeças parecem mais de homem do que de mulher» (SP).

III: «isto pode ser um homem e uma mulher, dois homens, duas mulheres ou duas crianças» (SS).

#### IV — ANGÚSTIA E MECANISMOS DE DEFESA

Toda a estrutura psicótica se caracteriza por uma angústia profunda que, segundo Bergeret, «não está centrada nem na castração genital, nem na perda do objecto, mas na fragmentação, na destruição, na morte por rebentamento» (Bergeret, 1974). Contra esta forma de angústia, ela apresenta, como todo o arranjo psíquico, um certo número de mecanismos de defesa específicos.

##### 1) *Angústia*

###### *Esquizofrenia simples*

A angústia, pouco expressa, dá lugar a conteúdos de corpos mutilados onde o acento é, antes de mais, posto no estado de destruição. Curiosamente, esta não está nunca ligada a uma origem, a uma causa, a um agente, como se fosse um primeiro dado, como se pudesse existir sem ser o resultado de um processo:

V: «mãos amputadas».

II: «um buraco no corpo humano».

###### *Esquizofrenia paranóide*

O esquizofrénico paranóide, esse, exprime uma angústia massiva de destruição e, sendo esta a grande diferença do esquizofrénico simples, ele procura constantemente a ori-

gem deste estado, donde a importância atribuída aos processos que provocam a desagregação; esta é, aliás, a maioria das vezes percebida quer como se ela se desenrolasse aqui e agora, quer como uma ameaça iminente:

III: «olhos de asiático rindo... a boca ali que se estende, como que percorrida por um choque eléctrico e o nariz que se deforma, como uma cabeça *que está para se fazer electrotutar, que parte em farrapos*».

III: «uma goela aberta com pinças, um tronco com olhos *que vai engolir*, as duas pinças que estão prestes a abaterem-se, a despedaçar».

Através destes exemplos vemos que o sujeito tenta atribuir a destruição a uma causa exterior («goela aberta», «choque eléctrico»). No paranóide, o risco de anulação está omnipresente, e este traduz-se essencialmente pela devoração e pela deglutição:

III: «uma espécie de um enorme insecto que se precipita sobre nós, os braços muito abertos, um insecto *devorador*».

X: «um insecto *roedor* com mandíbulas que tenta *atacar* a parte rosa, a carne».

Esta temática de oralidade agressiva não se exprime sempre de maneira tão espectacular, uma vez que destacámos igualmente um bom número de conteúdos menos flagrantes, mas igualmente eloquentes:

III: «um tubarão».

II: «polvos»: resposta insólita a este cartão e que o seria menos no cartão X.

A presença deste tema é própria da esquizofrenia paranóide, pois não obtivemos senão uma resposta deste tipo em todos os nossos protocolos de esquizofrenia simples e, além disso, tratava-se apenas de um conteúdo fragmentado, isto é, «dentes» percebidos isoladamente. O recurso a uma fonte exterior de agressão, que tem por fim dominar a angústia, permanece, entretanto, insuficiente, pois que não conduz à edificação de um objecto persecutório específico. Ao contrário, este procedimento alimenta tanto mais a angústia quanto, doravante, todos os elementos do ambiente são potencialmente ameaçadores.

O perigo que, desde logo, o mundo exterior representa traduz-se por uma *angústia* dita *paranóide*, e esta aparece através dos temas seguintes:

— *Atribuição de intenções*: o cartão e os elementos são muitas vezes dotados de intenções malévolas ou misteriosas:

VIII: «eu veria o cume como uma cara fantasmática... tudo o resto pertence a esta cabeça inquietante mas não chega a ser revelado, a cabeça *hipnotizada de maneira que não se vê o resto*».

II: «uma entrada secreta... sinal de uma pessoa muito *maléfica* por causa do vermelho».

— *Insistência sobre o olhar*: isto está muitas vezes associado a ideias de intrusão e de perseguição:

VII: «espécie de monstros, *os olhos maus*».

III: «um tronco com *olhos que vai engolir*».

— *Ideias de implicação*: o sujeito sente-se directamente ameaçado por aquilo que não percebe no cartão:

I: «qualquer coisa bastante agressiva, *possessiva em relação a mim*».

VI: «isto faz-me pensar também numa espécie de arpão *que nos prende*».

— *Temática mística*: isolámos todas as respostas que tratavam de forças malélicas, de poderes sobrenaturais e de crenças esotéricas; é evidente que estas reenviam para fenómenos misteriosos, logo inacessíveis e temíveis. Com efeito, quando a religião é invocada, a maior parte das vezes faz-se menção às forças do mal (diabo...):

II: «isto poderia fazer pensar no barrete que trazem as pessoas do *Ku-Klux-Klan*... os *franco-maçons* ou outras *seitas* que trazem capuz para um certo número de cerimónias... uma dança encantatória... dois braços que se juntam e se elevam ao céu, que invocariam um espírito mas de preferência *maléfico*».

VII: «a palma da mão dirigida para a terra num *signal de apaziguamento*».

Face a estas infiltrações ameaçadoras do exterior, o esquizofrénico paranóide edifica barreiras de protecção através de uma posição de voltar-se sobre si mesmo e de uma ruptura de contacto com o mundo exterior:

V: «a massa negra de um ouriço quando está *enrolado sobre si próprio* com agulhas».

II: «uma parte de uma máscara... justamente os olhos que teriam uma expressão muito *fechada*... um capote da Idade Média, um capote muito *fechado*».

Todos estes exemplos mostram bem até que ponto o esquizofrénico paranóide exprime a angústia que o invade. Esta tra-

duz-se essencialmente por meio de respostas de oralidade agressiva e de temas paranóides, e, se estas temáticas aparecem como apanágio dos esquizofrénicos paranóides, elas não estão, no entanto, totalmente ausentes do discurso dos esquizofrénicos simples, onde emergem esporadicamente e de maneira organizada («mercuriocromo», «iodo»: estas respostas de substâncias desinfectantes são suportadas por ideias de infecção).

## 2) *Mecanismos de defesa*

Como toda a organização da personalidade, o esquizofrénico recorre a mecanismos de defesa para lutar contra a angústia. Esta, sabemos-lo, nasce no psicótico de um conflito entre as suas necessidades pulsionais elementares e a realidade, donde a sua necessidade de operar uma negação maior desta realidade, o que podemos constantemente observar, através de um profundo desconhecimento do real.

### a) *Negação*

Quase toda a produção dos esquizofrénicos é suportada pela negação, quer seja a negação da realidade perceptível, quer da realidade conhecida.

Por «realidade perceptível» entendemos, aqui, as características observáveis do material apresentado, tais como a forma das manchas, a sua simetria, as suas cores..., características que o esquizofrénico pouco ou nada tem em conta: isto observa-se, sobretudo, através das suas respostas no plano formal (respostas F-), de que faz parte a dissociação simétrica, pois que ela leva a considerar como diferentes duas manchas objectivamente simétricas:

III: «isto pode ser um homem e uma mulher». (SS)

VII: «anões que se olham, em que um tem a cabeça voltada para trás a

180 graus, enfim isto pode ser o outro também mas os dois ao mesmo tempo». (SP)

Esta negação da simetria, que visa negar a similitude dos dois lados do cartão, pode compreender-se como uma tentativa de luta contra o receio da simbiose, sendo esta provavelmente reactivada pela semelhança das duas partes.

Certas respostas incidem sobre uma utilização inadequada das cores:

I: «um glóbulo vermelho» (visto num detalhe do preto)

Para além destas bizarras, que remetem para particularidades concretas do cartão, notamos uma quantidade impressionante de respostas aberrantes que dizem respeito, de preferência, à «realidade conhecida». Por este termo entendemos um conhecimento colectivo das características próprias dos elementos constitutivos do real. Ora o esquizofrénico apreende este real como se ele fosse, de facto, diferente daquilo que é, mostrando-se, aliás, profundamente convencido de que a realidade absurda que ele propõe é uma realidade possível, diferenciando-se de certos estados-limites com traços mitomaniacos, cujos arranjos da realidade correspondem a uma distorção do real, não sendo isto, no entanto, desconhecido mas organizado segundo a sua conveniência.

Para ilustrar esta negação da realidade, não temos senão o embaraço da escolha, tão abundantes são os exemplos, quer se trate de percepções contaminadas,

I: «é um pássaro da noite e o corpo é quase o de um humano com mãos. (SS)  
ou de respostas confabulatórias:

VIII: «um lago de muitas coisas, um lago de leite». (SS)

VIII: «eu vejo a superfície azul que parece querer morder a extremidade traseira da superfície cinzenta». (SP)

É bem evidente que todos estes conteúdos não remetem para nenhuma realidade existente, nem possível. A evidência quanto à frequência do seu aparecimento impõe-se: com efeito, os protocolos dos esquizofrénicos paranóides contêm, antes de mais, expressões de negação, o que não implica que eles neguem mais que os esquizofrénicos simples. Podemos daí deduzir uma maior capacidade do paranóide para pensar e para edificar uma nova realidade, em vez de, e no lugar da realidade incómoda que foi negada. A este propósito, o tamanho dos protocolos estudados não deixa de ser importante: com efeito, os protocolos de esquizofrénicos paranóides são nitidamente mais longos. Esta abundância da produção verbal do esquizofrénico paranóide no Rorschach parece-nos estreitamente ligada à sua capacidade de construir um delírio. Segundo a teoria psicanalítica, existiria um laço entre o investimento da linguagem e a possibilidade de delirar; assim, Racamier precisa que «para delirar, é preciso ter feito regressar os objectos até às palavras, mas não para além! Quem não chegou ao verbo não pode, ou ainda não pode, delirar» (Racamier e Natcht, 1958).

#### b) *Projectção*

Quer se trate de sistemas delirantes organizados, como nos esquizofrénicos paranóides, ou de esboços de ideias delirantes inorganizadas, como nos esquizofrénicos simples, toda a forma de delírio assenta não somente na negação da realidade, mas também no mecanismo de projectção.

O conceito de projectção encontra-se, de forma muito evidente, no centro de todo o teste projectivo, como indica o seu nome, mas quando falamos de projectção enquanto mecanismo de defesa, referimo-nos a uma

«extrojecção», termo muito expressivo que Racamier utiliza para definir este processo que consiste num «pôr fora de si as pulsões e fantasmas indesejáveis». No Rorschach, a projecção psicótica caracteriza-se pelo facto de imputar ao exterior o que não pode ser atribuído senão a si, e logo pela negação das qualidades reais do objecto (o real vê-se, então, dotado de qualidades que ultrapassam o possível). Concretamente ela comporta uma ausência de distância em relação ao material, pois que o esquizofrénico vem animar as suas percepções como se elas fossem susceptíveis de manifestar intenções que só podem emanar do próprio sujeito:

IX: «um cóccis... com *qualquer coisa* no interior que não está de acordo e *que quer partir*». (SS)

I: «qualquer coisa de bastante *agressivo, possessivo* em relação a mim». (SP)

A expressão da projecção parece-nos significativamente diferente nestes dois exemplos, pois que, no segundo, o sujeito se sente directamente implicado e ameaçado por aquilo que percebe. Esta forma de projecção, típica dos esquizofrénicos paranóides, parece corresponder ao mecanismo de identificação projectiva tal como o descreveu Mélanie Klein a propósito da fase paranoide-esquizóide<sup>(5)</sup>. Este consiste numa « projecção no objecto, sendo assim o material injectado mantido sob controlo no objecto... a identificação projectiva, segue, pois, uma trajectória passando pelo objecto para voltar ao emissor» (Racamier, 1980). Com efeito, este aspecto de retorno ao sujeito aparece constantemente nos esquizo-

frénicos paranóides, o que não tem nada de estranho uma vez que são eles que detêm o monopólio dos temas paranóides, implicando estes temas sempre o retorno de uma ameaça localizada no exterior e dirigida contra o sujeito:

III: «uma espécie de um enorme insecto que se precipita sobre nós».

VI: «monstro de ficção científica que estaria prestes a *esmagar-vos*, a *reduzir-vos* a papas».

#### V — O PENSAMENTO ESQUIZOFRÉNICO

O pensamento é solidário com o destino do objecto e do sujeito: com efeito não podemos conceber um pensamento sem um sujeito pensante e um objecto pensado; ora se é bem verdade que o primeiro objecto do investimento da criança é o seio materno, a actividade ulterior de pensar remete-nos directamente para a relação sujeito-objecto, para a díade mãe-criança. A este propósito, a literatura fala-nos da impossibilidade que o esquizofrénico experimenta ao nível do exercício do seu pensamento, pois esta actividade, em princípio autónoma do Eu, seria o sinal de uma independência psíquica contrária à manutenção da simbiose pais-criança. Pensar torna-se, desde logo, iminente conflitual. Os investimentos, em vez de incidirem sobre a representação de objectos, fixam-se sobre as palavras em si mesmas e o «esquizofrénico toma então as palavras por seres» (Racamier, 1976):

V: «aí a primeira palavra é um morcego». (SP)

IV: «a primeira palavra que me surgiu é uma rã». (SP)

Nestes dois exemplos, a palavra aparece cortada na sua significação, uma vez que o sujeito se exprime como se aquilo que ele

(<sup>5</sup>) Fazemos notar que este termo não é aceite unanimemente pelos autores — uns utilizam-no no quadro da psicose (Klein, Pasche, Racamier), outros, como Bergeret e Kernberg, aplicam-no aos estados-limites para falar de externalização da pulsão agressiva.

visse fosse a palavra «morcego» ou «rã», e não a coisa que tem este nome. Esta concretização da palavra implica a sua reificação: a palavra torna-se coisa e perde, então, a sua função de código.

1) *O pensamento, reflexo da problemática esquizofrénica*

Antes de nos determos nas características formais do discurso esquizofrénico, achamos interessante sublinhar que a maneira de pensar do esquizofrénico está intimamente ligada às diferentes problemáticas atrás evidenciadas. Assim, as perturbações quanto ao sentimento de pertença do seu próprio pensamento remetem, quanto a nós, para a relação de objecto simbiótico e para a problemática dos limites.

*Esquizofrenia simples*

O pensamento do esquizofrénico simples é um território sem fronteiras que não lhe pertence necessariamente: obrigatoriamente o outro é considerado como podendo ler os seus pensamentos, o que torna supérfluo todo o canal de transmissão e inútil toda a explicação:

I: «tinta (interrogação) creio que não há outra explicação a dar»: está subentendido que o examinador ou qualquer outra pessoa percebe a mesma coisa que ele.

Além disso, os seus próprios processos de pensamento são-lhe herméticos:

VI: «isso não tem a forma de um gato, mas isso faz-me pensar num gato».

*Esquizofrenia paranóide*

No esquizofrénico paranóide, assistimos igualmente a um fenómeno de não-pertença

do pensamento que se manifesta, antes de mais, por ideias de influência. Com efeito, o sujeito exprime-se como se o conteúdo do seu pensamento emanasse de uma fonte exterior a ele.

IV: «espécie de monstro... eu estou talvez *deformado* pelas bandas desenhadas».

I: «uma máscara... *sugestão que vem das minhas leituras* de ficção científica».

Estas respostas são para diferenciar recursos à realidade utilizados por certos estados-limite que se referem a elementos da realidade para validar as suas interpretações, estando intacta a consciência interpretativa. Pelo contrário, no paranóide, o exterior («bandas desenhadas», «leituras de ficção científica») impõe-se-lhe, não sendo então o sujeito senhor dos seus pensamentos.

Por outro lado, as rupturas do curso do pensamento põem em evidência um pensamento não controlado e fragmentado, que podemos igualmente compreender como uma manifestação da fragmentação. Esta fragmentação do pensamento faz-nos inevitavelmente pensar no que Bion chamou «o ataque contra as ligações»: o pensamento é atacado porque apresenta essencialmente uma actividade mental de ligação, «uma ligação entre as impressões dos sentidos e a consciência» (Bion, 1982), entre significado e significante, o que constitui o fundamento de toda a representação.

*Esquizofrenia simples*

O discurso por vezes entrecortado, elíptico, ou reduzido a um alinhamento de termos sem ligação aparente corresponde, para nós, a um grau maior de fragmentação, tal como as percepções de parte do corpo isoladas e flutuantes que já citámos:

VIII: «cor, quadro, mistura, associação, bonito, leopardo, reflexo, iodo».

II: «bom! Vermelho e preto, mancha de sangue, poço, bem, pode-se tornar a falar de simetria de novo, borradeira, vá...».

### *Esquizofrenia paranóide*

O discurso mais construído do esquizofrénico paranóide caracteriza-se preferentemente por tentativas de luta contra as rupturas do curso do pensamento, nomeadamente sob a forma de ligação entre as percepções sucessivas, sendo estas ligações, por vezes, arbitrárias:

I: «um mocho, *naquilo que diz respeito às asas*, isto pode fazer pensar em dois pinheiros».

V: «dois perfis de homens muito cabeludos... poderia também ser cabeças de ursos, *em vez de um nariz* isto seria um focinho».

Para formular uma nova interpretação, o sujeito apoia-se na sua resposta precedente, como se nenhuma percepção pudesse existir de maneira independente.

### 2) *Do hiper-realismo à interpretatividade*

Se pensar consiste em ligar significações, em fazer corresponder uma imagem ou uma palavra («significante») a um objecto («significado»), «pensar bem» supõe a possibilidade de gerir adequadamente a distância entre estes dois constituintes da representação. Ora, no esquizofrénico, constatámos importantes perturbações ao nível da representação, que se manifestam por uma oscilação entre dois pólos: a colagem e a disjunção do significado e do significante.

### *Esquizofrenia simples*

O pólo dominante da esquizofrenia simples é o da colagem, que assume a forma de um «*hiper-realismo*», termo que utilizamos para descrever um procedimento que respeita à letra o real, desconhecendo-o, no entanto, profundamente: com efeito, estes esquizofrénicos «estabeleceram, face à realidade, uma barreira antiprojectiva; eles não sofrem por projectar demasiado; eles padecem, pelo contrário, por não projectarem de modo algum o mundo interno no mundo externo» (Racamier, 1980).

Nos protocolos de Rorschach isto traduz-se por nomeações de cor, por respostas número; contudo, estas não são específicas da esquizofrenia simples uma vez que se encontram igualmente nos psico-orgânicos:

VII: «seis porque eu vejo três e três: um, dois, três, um dois três, portanto três de um lado e três do outro».

VIII: «azul... vermelho».

### *Esquizofrenia paranóide*

Quanto à esquizofrenia paranóide, ela tende preferencialmente para o pólo da disjunção do significado e do significante, o que se traduz por uma «interpretatividade» importante: por um lado, o esquizofrénico paranóide atribui sentidos por tudo e por nada, por outro lado, as suas interpretações não têm qualquer ligação perceptível com o abstracto proposto:

VIII: «um animal que progride... do amarelo para o rosa para o cinzento, eu percebo que o animal hesita em passar, em ir do passado para o futuro».

III: «as manchas de sangue fazem pensar numa angústia, numa tristeza, ou antes qualquer coisa de doloroso».

De maneira global, as perturbações da representação, tanto nos esquizofrénicos simples como nos esquizofrénicos paranóides, aparecem:

— ao nível da linguagem: dificuldades em utilizar os termos «representar», «simbolizar», etc.:

III: «um animal que *caricaturaria* um homem» — ora a caricatura é uma actividade exclusivamente humana; por outro lado, a caricatura é um desenho; quando muito trata-se aqui de uma imitação.

VII: «nuvens que *simbolizam* a chegada da tempestade» — as nuvens não simbolizam a tempestade, mas são um possível sinal anunciador.

— através de argumentos circulares que, por exemplo, reenviam o objecto para si mesmo:

IX: «uma espécie de flor, digamos essas flores que teriam um pouco *uma forma como esta*» (SS).

II: «qualquer coisa de muito nebuloso, *muito escuro como o desenho*» (SP).

As noções de assimilação e de acomodação detidamente elaboradas por Piaget parecem-nos pertinentes para a compreensão dos dois tipos de relação observados entre o significado e o significante, ou seja, a colagem e a disjunção. No primeiro caso, os sujeitos fazem prova de um máximo de aderência ao real no sentido da imitação e, portanto, de um primado da acomodação; pelo contrário, no segundo caso, os sujeitos testemunham uma importante incorporação do real, o que resulta de uma predominância da assimilação. Recordemos que, para este autor, «é adaptando-se às coisas que o pensamento se organiza a si próprio e é organizando-se a si mesmo que estrutura as

coisas» (Piaget, 1936), o que conduz à consideração «da adaptação como um equilíbrio entre a assimilação e a acomodação». Ora este equilíbrio dinâmico das trocas entre o sujeito e os objectos é a condição *sine qua non* de todo o desenvolvimento mental.

### 3) *O desconhecimento do consenso social*

Nesta última rubrica abordaremos o aspecto hermético, pessoal e não comunicável do pensamento do esquizofrénico. A este propósito, Bergeret diz-nos que «a linguagem deixa... de ser utilizada como meio de comunicação e de se sujeitar às exigências variáveis das relações objectais... Toda a linguagem permanece, pois, hermética e privada» (Bergeret, 1974). Neste domínio encontrámos as mesmas características nas esquizofrenias simples e nas esquizofrenias paranóides, tendo a única diferença observada sido mais de ordem quantitativa do que qualitativa. Com efeito, os raciocínios absurdos, assim como as categorizações pessoais são preferencialmente apanágio dos esquizofrénicos paranóides, o que é facilmente compreensível se tivermos em conta a sua constante busca de ligação.

#### a) *Raciocínios absurdos*

I: «uma águia dominadora porque não tem asas finas, tem asas grosseiras» (SS).

VIII: «um sexo de mulher, é o conjunto, o movimento geral, tem um movimento circular» (SP).

#### b) *Categorizações pessoais*

I: «borboleta... eu também poderia ter dito, se retirassem as asas, uma formiga, um animal um pouco mais oposto à borboleta; a borboleta é um pouco mais agradável de ver enquanto que a formiga faz um

pouco de medo» (SS): acreditando que uma formiga é uma borboleta sem asas.

V: «é um morcego, a imagem da partida» (SP): a equivalência estabelecida entre “morcego” e a “partida” é das mais arbitrárias.

A dificuldade que têm os esquizofrênicos em manejar adequadamente as classificações situa-se não somente ao nível dos conteúdos (confusões entre morto e vivo, animado e inanimado, humano e animal, abstracto e concreto, etc.), mas também no plano formal, como ilustram as dificuldades de regulação do todo e da parte:

IV: «um esqueleto de um crâneo» (SS): as relações estão invertidas, pois o «esqueleto» é o todo de que o «crâneo» apenas pode ser uma parte.

VII: «eu via como que dois seios, isto faz-me pensar na minha mãe» (SP): se «dois seios» podem evocar uma mulher, é, em contrapartida, abusivo reconhecer aí a mãe!

Todos estes raciocínios absurdos, estas categorizações pessoais e esta não compreensão das relações usuais assinalam uma não adesão ao consenso social. Deste modo não nos espantaremos ao encontrar perturbações massivas da comunicação que se traduzem, ao mesmo tempo, por uma incompreensão do pensamento dos outros, aparecendo isto muito claramente através da não compreensão frequente da instrução, e, sobretudo, por uma incomunicabilidade do seu próprio pensamento:

II: «salpicos de sangue essencialmente, eu queria dizer, não consigo ver agora a significação exacta de salpicos» (SS).

No termo desta análise comparativa, impõe-se um breve comentário quanto ao tamanho dos protocolos estudados: dizer que o esquizofrênico simples fala pouco e o esquizofrênico paranóide fala muito, não resulta de um reducionismo caricatural pois trata-se, na verdade, da primeira observação que salta à vista. Esta diferença, aparentemente anódina, ultrapassa a simples observação de ordem quantitativa, pois ela demonstra até que ponto o esquizofrênico simples e o esquizofrênico paranóide diverge quanto à expressão da sua problemática. Com efeito, o discurso árido do esquizofrênico simples dá conta de um mundo estático onde simbiose e fragmentação reinam como senhores incontestados. Pelo contrário, o discurso florido do esquizofrênico paranóide reflecte toda a efervescência nascida de uma oscilação perpétua entre a manutenção deste estado de indiferenciação e a luta para daí sair.

Enquanto que o esquizofrênico simples mergulha numa relação simbiótica aparentemente pouco conflitual, o que ele exprime através de uma temática oral, passiva, o esquizofrênico paranóide vive esta relação como uma invasão, uma ameaça de engulimento e de devoração possível, donde a predominância dos temas de oralidade agressiva. Este medo de destruição emerge através de múltiplos temas paranóides, resultando da utilização da identificação projectiva. Este mecanismo de defesa apresenta a característica dupla: situar a origem da fragmentação no exterior de si, ainda que de maneira difusa, e, portanto, tornar qualquer elemento do mundo circundante potencialmente perigoso. O esquizofrênico simples, quanto a ele, não procura nenhuma explicação e não estabelece nenhuma ligação de causalidade entre a destruição e um explicativo particular. Isto implica que, nele, a fragmentação aparece preferencialmente

como um estado imutável, enquanto que, no esquizofrénico paranóide, a tónica é essencialmente posta no processo de desagregação, estando o sujeito e o objecto constantemente à mercê de uma fragmentação.

As teorias do desenvolvimento psicogenético da criança mostraram como, através das diferentes etapas do distanciamento e da diferenciação Eu/não-Eu, se construía a relação objectal. Desde logo consideramos que a extrojecção operada pelo esquizofrénico paranóide é uma primeira tentativa de distanciamento; mesmo mínimo, esta assinala, para nós, um reconhecimento parcial de um espaço não-Eu e, portanto, um esboço de constituição do objecto que o esquizofrénico simples não adquiriu. A hipótese de a esquizofrenia paranóide ser uma forma de esquizofrenia mais elaborada e mais evoluída que a esquizofrenia simples é compatível com a posição defendida por certos autores, segundo a qual a esquizofrenia paranóide corresponderia a um «segundo estádio»: estádio que sucede ao da simbiose total para Searles, estádio pré-objectal que sucede ao estádio não-objectal de Dubor: «tudo se passa, neste período, como se o sujeito, que não tem já a possibilidade de se manter num estádio anobjectal, não é ainda capaz de se situar verdadeiramente no objectal». A este estádio corresponde um nível particular de relação de objecto, «no qual os objectos existentes já não são negados, mas em que também não são percebidos como separados do sujeito (e pertencendo, portanto, ao mundo exterior diferenciado), trata-se de um estádio pelo qual o objecto, consubstancial ao sujeito, é sentido como pertencente ao seu ser (percebido), mas não ainda ao seu ter» (Dubor, 1979).

Apoiando esta hipótese, insistiremos nos diferentes modos de expressão na temática oral nos esquizofrénicos simples e nos esquizofrénicos paranóides: oralidade essencialmente passiva no esquizofrénico simples,

oralidade com predominância agressiva no esquizofrénico paranóide. Impõe-se o paralelismo entre estes dois níveis de oralidade e os dois subestádios do estádio oral descritos por Abraham; à oralidade passiva do esquizofrénico simples faremos corresponder o estádio oral primitivo onde prevalece a sucção, a inspiração, a absorção; à oralidade agressiva do esquizofrénico paranóide faremos corresponder o estádio oral tardio (ou sádico-oral) no decurso do qual predominam as pulsões ditas canibais, a incorporação destruidora.

Face aos receios da simbiose e à angústia de fragmentação, o esquizofrénico simples dispõe de meios reduzidos de expressão, ao contrário do esquizofrénico paranóide, que verbaliza abundantemente a sua problemática — isto assinala o acesso a um nível superior de pensamento, como testemunha a sua capacidade de elaborar um delírio: «não é ao nível do delírio que o pensamento dos psicóticos é mais perturbado; é quando deliram que os psicóticos pensam melhor. Podemos ver aí uma prova da natureza reconstrutora da actividade delirante» (Racamier e Nacht, 1958).

Este trabalho ter-nos-á permitido, assim, verificar que a abundância de sinais patológicos não é necessariamente proporcional ao grau de gravidade da «loucura». Assim, em função do seu aspecto muito florido, a esquizofrenia paranóide pode, numa primeira aproximação, parecer uma forma de psicose mais grave que a esquizofrenia simples. Esta última, pela presença de sinais patológicos mais discretos, encontra-se menos facilmente diagnosticada, sendo então identificada por muitos práticos — entre outros, por utilizadores das técnicas projectivas — com organizações mais evoluídas. De facto, a nossa análise tende a convergir com as opiniões de autores como Searles e Dubor, que consideram a esquizofrenia paranóide como um quadro mais evoluído do que a esquizofrenia simples, cuja produção significativamente mais linear é pre-

cisamente o sinal de um maior grau de arcaísmo.

#### BIBLIOGRAFIA

- BERGERET, J. (1974) — *La personnalité normale et pathologique*, Dunod, Paris, 333 pp.
- BION, W. R. (1982) — «L'attaque contre les liens», in *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 25, pp. 285-298.
- DUBOR, P. (1979) — «Structure psychotique» in *Psychologie pathologique*, Masson, Paris, 325 pp.
- FREUD, S. (1951) — «Au delà du principe de plaisir» in *Essais de Psychanalyse*, Payot, Paris.
- FREUD, S. (1970) — «Le clivage du Moi dans le processus de défense» in *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 2, pp. 25-28.
- FREUD, S. (1973) — «La perte de la réalité dans la névrose et dans la psychose» in *Névrose, psychose et perversion*, PUF, Paris, pp. 299-303.
- KERNBERG, O. (1979) — *Les troubles limites de la personnalité*, Privat, Toulouse, 287 pp.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS J.-B. (1967) — *Vocabulaire de la psychanalyse*, PUF, Paris, 520 pp.
- MAHLER, M. (1977) — *Psychose infantile*, Payot, Paris, 249 pp.
- MERCERON, C., PONCE, L., ROSSEL F. (1983) — «Aménagement particulier des états-limites: les troubles du comportement à caractère délictueux» in *Psychologie française*, 28-2, pp. 156-163.
- PASCHE, F. (1982) — «A propos de l'identification projective» in *Revue française de Psychanalyse*, 2, pp. 408-411.
- PIAGET, J. (1936) — *La naissance de l'intelligence chez l'enfant*, Delachaux et Niestlé, Neuchâtel e Paris, 429 pp.
- PIAGET J. (1946) — *La formation du symbole chez l'enfant*, Delachaux et Niestlé, Neuchâtel e Paris, 308 pp.
- RACAMIER, P.-C. (1976) — «L'interprétation psychanalytique chez les schizophrènes» in *Encyclopédie Médico-Chirurgicale*, «Psychiatrie», vol. 2, 37291 A.
- RACAMIER, P.-C. (1969) — «Notes brèves sur la clinique psychotique des troubles de la pensée» in *Revue française de Psychanalyse*, 23, pp. 876-879.
- RACAMIER, P.-C. (1980) — *Les schizophrènes*, Payot, Paris, 207 pp.
- RACAMIER P.-C., NACHT, S. (1958) — «Théorie psychanalytique du délire» in *Revue française de Psychanalyse*, 22, pp. 417-532.
- SEARLES, H. (1977) — *L'effort pour rendre l'autre fou*, Gallimard, Paris, 439 pp.
- SEGAL, H. (1969) — *Introduction à l'oeuvre de Mélanie Klein*, PUF, Paris 141 pp.
- SPITZ, R.-A. (1968) — *De la naissance à la parole, la première année de la vie de l'enfant*, PUF, Paris 306 pp.
- WINNICOTT, D. W. (1971) — *Jeu et réalité*, Gallimard, Paris, 218 pp.

os Todos  
Meses



# o professor

UMA REVISTA COM 12 ANOS  
AO SERVIÇO DO  
ENSINO, EDUCAÇÃO E CULTURA

de professor para professor